
A comunidade na comunicação sonora comunitária em ambiente convergente: Análise da programação de uma rádio comunitária na Amazônia maranhense¹

Jefferson de Sousa MORAES²
Rosane Maria Albino STEINBRENNER³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este trabalho, de caráter inicial e exploratório, tem como objetivo compreender se a comunidade do entorno da antena da Rádio Açaí FM, localizada em Imperatriz do Maranhão, é identificada em suas produções radiofônicas presentes em plataformas digitais. Nossa hipótese é a de que as rádios comunitárias estão disputando a preferência de um público amplo, que vai para além de sua comunidade no entorno. Usamos como metodologia a análise documental, identificando os produtos radiofônicos inseridos em plataformas digitais como documento. Apontamentos iniciais mostram que a emissora transformou sua programação ao convergir, o que retirou seu ideal de comunitária.

PALAVRAS-CHAVE: Convergência; rádio comunitária; Maranhão; Amazônia.

INTRODUÇÃO

Afinal, o que é uma comunicação comunitária? Para Cicilia Peruzzo (2009), apesar do termo “comunitário” ser controverso, trata-se de uma comunicação com potencial de contribuir para o processo de cidadania, não só pelo apelo aos conteúdos contra-hegemônicos visando uma nova sociedade, mas pelo processo de fazer comunicação que reivindica uma parcela de contribuição da sociedade. É uma comunicação que pode ser caracterizada por sua escala de penetração, confluindo com termos como “alternativo” ou “popular” por sua aderência ao local e hiperlocal. Mas vai muito além do local, de falar coisas de interesse local ou ser referência para seu público.

É uma comunicação que acontece de diversas formas, seja grupal e presencial, ou ainda para grupos específicos, por meio de suportes e formatos diversos. Ganha espaço no espectro eletromagnético, seja nas ondas do rádio ou da televisão e vai mais além, adentra a internet, em espaços variados, seja em plataformas tradicionais de distribuição

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA), email: jeffjournal@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação, Professora do curso de Jornalismo da FACOM/UFPA, email: steinbrenner@ufpa.br.

de conteúdos, como emissoras de rádio e TV, como também em fóruns, grupos, plataformas e comunidades digitais com as mais diversas experiências como blogs, podcasts, videocasts, webrádios, webtv's e assim por diante. Em aspectos gerais, atua “na construção e difusão de mensagens, na socialização de conhecimentos técnicos (e outros), criação de códigos compartilhados de conduta e na instituição de novas relações sociais de produção que põem em suspensão a hierarquia e a burocracia tradicional” (Peruzzo, 2009, p. 143).

Nessa perspectiva, este estudo, de caráter exploratório, fazemos a seguinte pergunta como objetivo principal da pesquisa: O que tem de comunitário em uma emissora comunitária da Amazônia maranhense em ambiente digital? Para tentar responder ao nosso questionamento, olhamos para a produção radiofônica em ambiente digital da Rádio Açaí FM, instalada em Imperatriz, a segunda maior cidade do Maranhão.

Como metodologia utilizamos da análise documental, entendendo os produtos radiofônicos inseridos em plataformas digitais como documento. O corpus é composto pela grade de programação transmitida ao vivo na plataforma YouTube da emissora. A hipótese deste estudo é a de que a emissora em ambiente convergente tem se distanciado da sua comunidade de origem, buscando cada vez mais um público regional ao invés de local. A pesquisa faz parte do processo de doutoramento do autor que tem como orientadora a co-autora desta pesquisa.

COMUNIDADE E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: REVISITANDO CONCEITOS

O termo comunidade vem sendo tensionado de acordo com o tempo em que é exposto. Quando tínhamos uma sociedade majoritariamente rural, os conceitos de comunidade e sociedade eram postos lado a lado. Enquanto comunidade era identificada como capaz de resultar em uma vida “real e orgânica” a sociedade era uma estrutura “mecânica e imaginária”. Conforme entendimento de Tonnies (1995), “Tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto [...] será entendido como vida em comunidade. A sociedade é a vida pública – o próprio mundo” (p. 231).

Passadas algumas décadas, a sociedade se transformou, muito mais urbana que rural, impessoal e individualista, reflete a lógica neoliberal que rompe vínculos de solidariedade e esgarça a natureza do uso partilhado de bens comuns (Dardot e Laval,

2016). Assim o conceito de comunidade também mudou. Para Marcos Palácios (2001), o sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma comunidade, desencana-se da localização: “é possível pertencer à distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outra (a distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas”.

Outro conceito de comunidade, como comunidade de afeto, também é exposto por Paiva e Gabbay (2017) para tentar entender as mais diversas formas de se formar e os desafios de se manter uma comunidade frente a cenários extremos da sociedade contemporânea, "diante do exaurimento dos recursos humanos e do auge do desenvolvimento tecnológico (p. 159). Diferentemente da comunidade orgânica tradicional, vinculada expressamente a localidade geográfica, a comunidade de afeto tem, como entende Sodré, com quem dialogam os autores, a questão do sensível como ponto focal de uma sociedade.

É possível que a ideia da “comunidade de espírito” possa revelar com maior nitidez traços do que se pretende entender como a comunidade da atualidade. Uma estrutura comunitária não mais fundada no esquema proposto por Esposito, em que o dever e a tarefa para com o outro sejam o elemento de ligação. Mas sim e principalmente uma possibilidade de vinculação em que o afeto, a simpatia, a igualdade de interesses e de partilha definam os contatos. Entender que este formato seja mais descompromissado com o real histórico não constitui uma premissa básica(...) (Paiva e Gabbay, 2017, p.164).

O ponto de partida para esta conceituação foram as ideias do filósofo italiano Gianni Vattimo (2002) sobre a comunicação, que ele pressupõe ser uma comunidade afetiva, mantida por um acordo de gostos em torno do problema da partilha coletiva de vozes e sensações. Para ele:

Se a situação afetiva é algo que encontramos sem dela podermos dar razão, a conclusão será que ela nos põe perante o fato de o nosso modo originário de captar e compreender o mundo ser algo cujos fundamentos nos escapam, sem ser, por outro lado, uma característica transcendental de uma razão ‘pura’, já que a afetividade é precisamente o que cada um de nós tem de mais profundo, de mais individual e de mais cambiante.” (Vattimo, 1971, p. 39).

Atualmente, o termo “comunidade virtual” também tem sido tensionado para buscar compreender se uma comunidade gerativa, aquela que dá ênfase na geração contínua de novas ideias, recursos e práticas, e pelo foco na colaboração dinâmica e no

aprendizado coletivo, é a mesma comunidade virtual. Para acontecer uma comunidade virtual, como explica Suzana Finkelievich (1998), necessita de ter por base sentimentos de comunhão, confiança, compromisso, responsabilidade e objetivos comuns, mas a pesquisadora alerta que nem sempre a comunhão está presente em uma comunidade virtual. No entanto, a comunhão com outros membros do grupo on-line implica em sentimentos de confiança e compromisso, os quais são importantes fatores de coesão: o sentir-se conectado e pertencente a um grupo.

Peruzzo (2002) alerta, entretanto, que não é conceitualmente correto chamar de comunidade toda e qualquer agremiação eletrônica, pois “muitas delas se constituem apenas como redes de contatos ou grupos de interesse sem chegar a constituírem-se em comunidades”. Contribuindo para a discussão, acrescentamos que é controverso o termo comunidade virtual, pois em muitos casos os ‘participantes’ de uma certa rede sequer existem. É comum em diversas plataformas nos depararmos com *bots*⁴ que se passam por usuários reais e interagem com os demais participantes de uma determinada rede. Assim, é preciso levar em consideração todos esses fatores antes de definir se uma agremiação virtual é ou não uma comunidade.

Trazendo o debate para as mídias, em especial para a rádio comunitária, Peruzzo (2007) detalha como essas emissoras são reivindicadas por uma comunidade como direito à comunicação, sendo utilizada para promover a cidadania, com a justificativa de ser um direito que as assiste e não como sendo apenas uma necessidade em razão da situação de carência. A pesquisadora acrescenta ainda que é da gênese dessas emissoras comunitárias reivindicar melhorias para toda a comunidade e não para uma pessoa isoladamente. Ou seja, as rádios comunitárias nascem com um propósito que é a de reivindicar direitos muitas vezes negados pelo Estado. É daí que usual e idealmente nasce uma rádio comunitária.

Para Malerba (2016), as rádios comunitárias têm enfrentado uma crise ao longo das últimas décadas. Uma crise que passa por todas as estruturas de uma emissora desse porte: a questão financeira, a rotatividade de equipe e gestão, os riscos de esvaziamento de seus aspectos ideológicos e talvez o mais crucial: a perda de sua identidade comunitária. Ele justifica esse tensionamento por conta não só da remoção da política, por um viés crítico ou progressista, da pauta central das rádios, e isso, muitas vezes,

⁴ Um bot é um programa de computador que funciona na Internet e executa tarefas repetitivas.

porque em função de questões financeiras essas emissoras acabam cedendo ao proselitismo político e religioso como forma de sobrevivência econômica.

Sobre a questão da sustentabilidade financeira, desafio à toda comunicação comunitária e independente, recentemente, em fevereiro de 2024, o Governo Federal lançou a portaria de número 15⁵ que permite às rádios comunitárias regularizadas receber publicidade do governo em forma de apoio cultural. Apesar de já poder receber (somente) apoio cultural, essa medida amplia o repasse às rádios comunitárias, o que pode significar melhorias tanto na estrutura física das emissoras, como também pode barrar a cooptação por setores religiosos e políticos, avessos à natureza e às pautas comunitárias de origem. A portaria é vista como um avanço para as radcoms, mas outras reivindicações são postas à mesa, como o aumento da sua penetração, já que uma rádio comunitária alcança apenas um quilômetro de sua antena.

Malerba (2016) reitera como essas emissoras são cruciais para as comunidades do entorno, mas alerta que ao longo dos últimos anos elas têm ‘perdido’ sua veia progressista em meio à lógica hegemônica uma sociedade capitalista neoliberal, cada vez mais conectada com o global, evocando o conceito de Aldeia Global de McLuhan (1964). Uma perda de sua identidade, já que uma emissora comunitária deveria servir ao interesse local e hiperlocal, por meio da partilha do espectro eletromagnético, das ondas sonoras, como direito e bem comum.

A entrada das radcoms em ambiente tecnológico significou, em primeira instância, a possibilidade de uma luz no fim do túnel, principalmente pela questão financeira que é um calcanhar de aquiles dessas emissoras. Acreditava-se que com a convergência dessas mídias seu aporte financeiro superaria outras dificuldades, como a rotatividade de pessoas e a digitalização de seus produtos radiofônicos. Mas o que se percebe atualmente é que as rádios comunitárias, se por um lado avançam na questão financeira, por outro estão se homogeneizando s rádios comerciais, disputando uma audiência cada vez mais genérica, nublando sua principal função que é interagir de forma integral e inclusiva com a comunidade onde a antena é inserida.

⁵ <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-secom/pr-n-15-de-6-de-fevereiro-de-2024-541948642>

RÁDIO AÇAÍ FM – “É GOSTOSO OUVIR”

A Rádio Açaí FM fica localizada em Imperatriz do Maranhão, com sede na Praça da Bíblia e opera na frequência 87,9 MHz. Antes de ser Açaí FM, até 2019 era a Rádio Comunitária Missão FM. A mudança foi radical não só no nome, afastando o termo “comunitária” e sua programação foi totalmente reformulada. Atualmente, a rádio que tem outorga de comunitária não valoriza em sua programação as reivindicações locais.

A emissora possui os canais digitais, site⁶, WhatsApp⁷ e e-mail⁸. As redes sociais digitais são Facebook⁹, Instagram¹⁰ e a plataforma digital YouTube¹¹. É possível ainda acompanhar a programação no site rádios.com¹². Em um olhar inicial para a grade de programação da Rádio Açaí FM, percebe-se como ela se distancia do conceito de rádio comunitária e se aproxima de uma emissora comercial. Por exemplo, a maioria da programação é voltada para o rádio musical com apelo para o sertanejo.

O único programa informativo produzido pela emissora é o “AçaíCast”, veiculado de segunda a sexta, de 11 horas ao meio-dia, é comandado por Ernando Timóteo, que também é diretor da rádio. O programa é transmitido do estúdio da Rádio Açaí FM que possui dois ambientes (bancada principal e uma segunda sala para entrevistas), tem quatro câmeras, três microfones na bancada principal e mais três no segundo ambiente. Além da antena, das redes sociais e canais digitais, o AçaíCast também é veiculado na TV Meio Norte. Toda a programação é realizada concomitantemente nas ondas sonoras da 87,9 MHz, ‘ao vivo’ pela plataforma YouTube e por meio de live na rede social Instagram. Importante destacar que o AçaíCast é um programa dito radiofônico com forte apelo audiovisual no digital.

O AçaíCast é definido pelo apresentador Ernando Timóteo como um podcast, mas pelo apelo visual mais parece um *talk show*. É feito por integrantes de uma mesma família, sem a presença de outras pessoas da comunidade em sua produção e/ou apresentação e

⁶ <https://www.tvradioacaifm.com/>

⁷ (99) 99141-3816

⁸ acaidotimoteo1@gmail.com

⁹ <https://www.facebook.com/acaidotimoteonews>

¹⁰ https://instagram.com/radioacaioficial_itz?igshid=MzRIODBiNWFIZA==

¹¹ <https://www.youtube.com/@TvAcaiFm>

¹² <https://www.radios.com.br/aovivo/radio-acai-1063/110222>

suas pautas não abordam temas de relevância para a comunidade de origem da emissora ou que promovam a cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do exposto, podemos levantar algumas considerações iniciais sobre os produtos radiofônicos em ambiente convergente da Rádio Açáí FM. A primeira é a de que a nossa hipótese, que ainda requer aprofundamento e análise geral da programação, está se confirmando: a de que a emissora comunitária da amazônia maranhense em ambiente digital pode se homogeneizar com as demais e perder seu caráter comunitário, buscando aumento da audiência e conseqüentemente de suas receitas financeiras.

Outro ponto a considerar inicialmente é de que a programação da emissora não conta com a participação da comunidade de origem em suas produções radiofônicas online, o que acaba por distanciar o caráter fundador de emissora comunitária.

Por fim, a convergência midiática da Rádio Açáí FM pode oferecer uma oportunidade de aproximação com patrocinadores para além do bairro de origem da emissora, que na internet não esbarram com a legislação das radcoms. Contudo, essa mesma aproximação é que pode representar a principal influência para que emissoras como a estudada acabem sendo seduzidas por uma lógica que as homogeneiza com as comerciais, as afastando os ideais transformador de uma rádio comunitária.

REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre; LAVAL, Chistian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal . Tradução Mariana Echalar. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

FINQUELIEVICH, Suzana. **Comunidades eletrônicas** – nuevos paradigmas de participación política local? Comunicacion – Estudios Venezolanos de comunicacion. Caracas: Centro Gumilla, Segundo trimestre de 1998. nº 102. p.44-53

MALERBA, J. P. C.. **Rádios comunitárias no limite**: crise na política e disputa pelo comum na era da convergência. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação: UFRJ, 2016

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media**: The Extensions of Man. 1. ed. New York: McGraw-Hill, 1964.

PAIVA, Raquel; GABBAY, Marcello. **Sobre a Comunidade do Afeto**: comunicação alternativa e comunidade no contexto atual. *Revista RECICOFI: Comunicação, Filosofia e História*, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 96-110, 2024. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/download/520/470/166>

Q. Acesso em: 28 jun. 2024.

PALÁCIOS, Marcos. **O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos.** Salvador: Ufba, [s.d.]. (Texto fornecido, por e-mail, pelo autor em 11 abr 2001). 15 p

PERUZZO, C. M. K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania.** Lumina, [S. l.], v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.34019/1981-4070.2007.v1.20989. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20989>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PERUZZO, Cicilia M. **Desafios da Comunicação Popular e Comunitária na Cibercultur@:** Aproximação à proposta de Comunidade Emergente de Conhecimento Local. Ciberlegenda, Niterói, v. 1, n. 46, p. 170-191, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36886>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TÖNNIES, F. **Comunidade e sociedade como entidades típicoideais.** In: FERNANDES, F. (Org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116. Comunidade e sociedade: textos selecionados. In: MIRANDA, O. (Org.). Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Editora da USP, 1995. p. 231-342.

VATTIMO, G. **Comunicação e Transparência.** Palestra proferida na abertura da XI Compós, Rio de Janeiro, 2002.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger.** Edições 70, 1971.